

Apicultura popular dos Kayapó

DARREL A. POSEY, Ph.D.

OS índios Kayapó são uma das últimas (e grande) tribos relativamente não aculturadas da América Latina. Suas aldeias estão espalhadas por uma área de 2 milhões de hectares na região do rio Xingu, na bacia amazônica.

São excelentes agricultores, mas a coleta de alimentos fornece a maior parcela de sua dieta (Bamburger, 1967). O perfeito aproveitamento ecológico e a grande variedade de plantas e animais permitem aos Kayapó desfrutar de uma variedade de zonas ecológicas (Posey, 1979). Já se disse que eles podem ter tido aldeias até com 5 mil habitantes (Posey, 1979), o que também é assinalado em documentos históricos (Turner, 1965).

Anteriormente assinali o inconveniente do uso generalizado de insetos pelos indígenas das planícies tropicais (Posey, 1978). As abelhas constituem uma das mais ricas fontes de coleta alimentar, representando a cera e o mel produtos importantes no comércio indígena. O mel da abelha que não pica é igualmente um nutritivo alimento dos Kayapó.

Dois termos serão usados neste trabalho com significados específicos: "apicultura popular" refere-se à criação de abelhas pelos Kayapó. São as que retornam à colmeia e oferecem fontes de múltipla exploração. "Etologia popular" se relaciona com o conhecimento da conduta das abelhas pelos índios. Isso mostra que são bons observadores da natureza e perspicazes na análise do comportamento desses insetos.

APICULTURA E ETOLOGIA

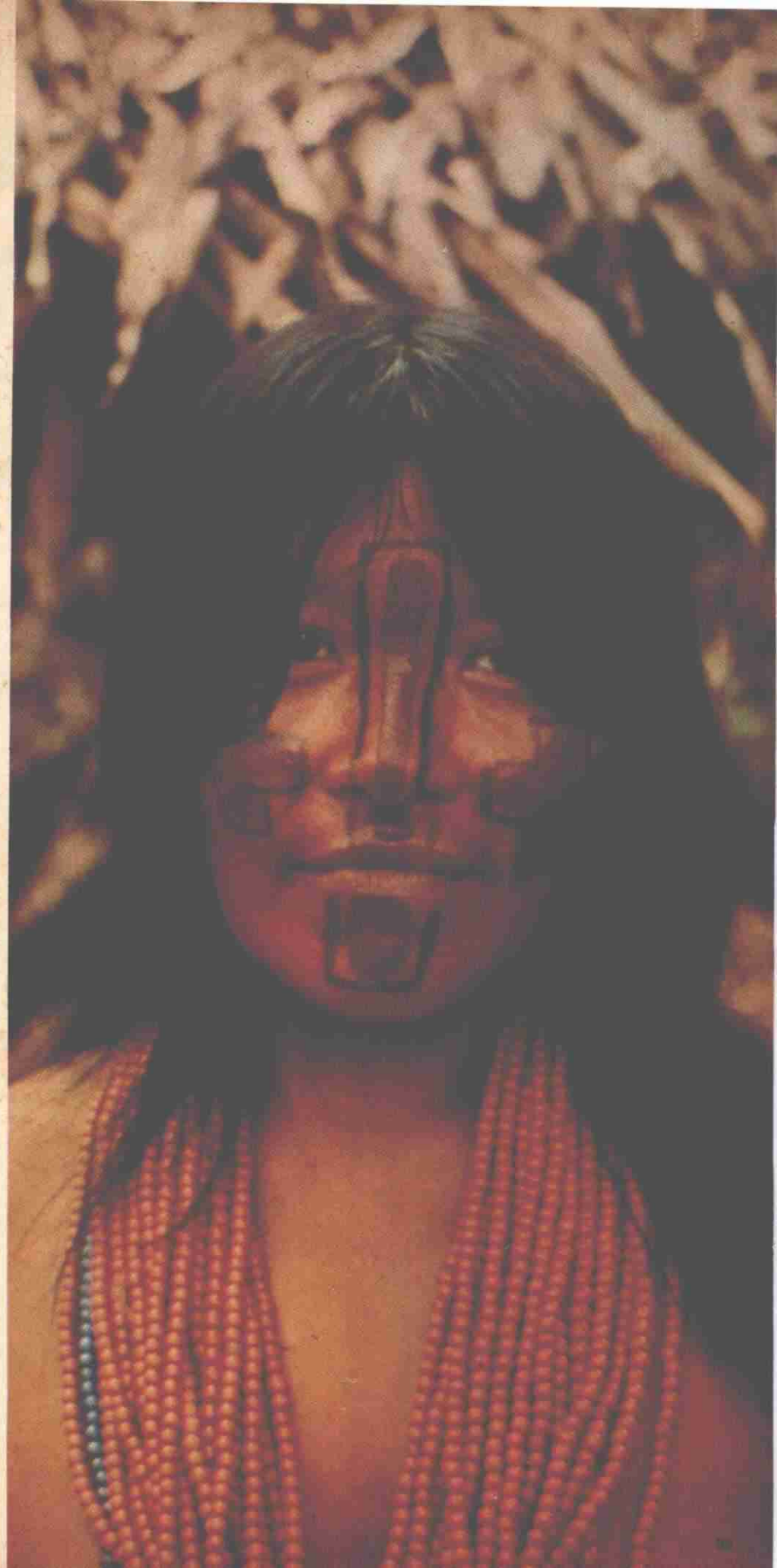
As abelhas desempenham entre os Kayapó importante papel pelo mel e pela cera que fornecem.

Grande parte delas, nessa área, pertence ao tipo que não pica (Meliponini). Produz mel muito saboroso, mas um tanto ácido, e existem duas espécies: uma é a abelha híbrida européia introduzida na área, a chamada abelha brasileira (*Apis mellifera*). Os Kayapó apreciam cada vez mais esse abundante, doce e grosso mel, porém continuam preferindo o sabor do produzido pelas que não mordem. A abelha brasileira tem merecido cuidado especial dos Kayapó, devido ao seu comportamento agressivo. Desde a chegada à área, em 1971 (os índios ignoram o ano e o mês em que a primeira *ngài-pêpê'y* foi apanhada), a abelha brasileira tem expulsado e tomado os ninhos das nativas. Os Kayapó dizem que o aproveitamento do mel de abelha nativa caiu muito, por causa da "invasão" da *Apis mellifera*.¹

Existem várias maneiras de se agrupar as abelhas (mehn.). Uma delas é segundo as "zonas ecológicas". O Kayapó reconhece três grandes zonas:

- 1) **Kapôt** (campo) com quatro tipos:
 - a) **kapôt-kên** — campos com vegetação rasteira
 - b) **kapôt-kamēpti** — campos com árvores
 - c) **kapôt-kam-bôiprêk** — campos com vegetação mais densa

1. Nota da Redação — Em novembro de 1956 chegaram ao Brasil, importadas da África, rainhas puras ou abelhas *Apis mellifera adansonii*.







d) **pikati'ô kraï** — campos com árvores espaçadas.

- 2) **krâi** — montanhas; e
 3) **bâ** — florestas de quatro tipos
 a) **bâ-kamrek** — mata de galeria
 b) **bâ-êpti** — floresta fechada
 c) **bâkati ou pi'y-kô** — floresta de grandes árvores; e
 d) **bâ-rârârâ** — floresta com clareira.

Outra classificação é utilitária e se baseia na violência ou agressividade (akrê) das espécies. Embora a **Meliponini** não pique, pode atacar os olhos, ouvidos, embaraçar-se nos cabelos e ainda causar emolações na pele. Dessa forma, é prático para os Kayapó saber com que tipo estão tratando.

As abelhas **akrê** (que mordem, queimam ou picam) são afugentadas dos ninhos com fogo e fumaça. Os

índios acendem folhas de palmeira secas e amarradas na ponta de longos paus e introduzem nas colmeias. A árvore poderá ser derrubada se o ninho estiver muito alto. Acende-se uma fogueira perto da entrada do ninho para espantar as abelhas furiosas.

Cinco tipos de abelhas que não picam (classificação científica sem data) são atualmente semidomesticadas. A parte onde fica a rainha (chamada *benadjwârâ* ou “Chefe”) é deixada no interior da colmeia. Os índios dizem que elas retornam e restabelecem a colônia, cujo mel foi tirado. As árvores são periodicamente observadas, pertencendo a colmeia a quem a viu primeiro.

Existem dois tipos de abelhas que nidificam em árvores. Os Kayapó cobrem estes ninhos com folhas para impedir que fujam, levando o ninho com as abelhas para a aldeia. Esses

ninhos ficam geralmente suspensos no teto da cabana e outras espécies se aninham em cavidades dos postes (colunas) das casas. Essas abelhas produzem pouco mel, mas sua presença é estimulada pelos Kayapó.

Há um tipo de abelha que costuma nidificar no chão e é induzida pelos índios a construir os ninhos em paredes de terra com buracos feitos no chão. Esses buracos têm aproximadamente um metro de profundidade, com diâmetro de meio a um metro, e se localizam nas margens sombrias dos campos. O local é aparentemente ideal para duas abelhas: uma que se aninha nos lados do buraco e a outra que fica em pedaços de lenha jogados no buraco. São achas apodrecidas para estimular esse último tipo de abelha.

Os Kayapó acreditam que essas abelhas são boas para o campo. Em-



"Ao retirarem o mel, deixam sempre um pouco para Bep-Kôrôrôti, o poderoso herói mítico que foi levado para o céu num relâmpago." Quem não dividir o mel com ele pode ser atacado por um raio.

bora não tenham concepção da polinização, associam claramente as abelhas à colheita e produtividade.

Os homens são sempre os coletores e durante a estação seca grupos deles freqüentemente saem por vários dias à procura de mel. Ele é constantemente procurado também quando em excursão de caça, sendo tão apreciado quanto a carne. Um caçador pode regressar sem mel, isso é muito raro. Na volta da floresta sempre traz alguma planta selvagem, castanha ou mel.

Pelo que observei, toda a carne e alimentos colhidos, exceto o mel, são trazidos para a aldeia e distribuídos às esposas e sogras (a mais velha mulher da casa). Ela depois se incumbem de repartir com os parentes o que recebeu. Não é o caso do mel: o homem é livre para reparti-lo com quem quiser, mas dificilmente chega à aldeia,

porque é consumido avidamente no lugar em que é recolhido.

Os índios fazem cestas de mel com diversas camadas de folhas de bananeira. Elas são dobradas para formar um recipiente improvisado. Quando não resta nenhum mel no vaso, lambem as folhas para aproveitar o que restou.

Os Kayapó cortam caules de gengibre e mastigam uma das extremidades até formar uma espécie de pincel, que é mergulhado no mel e chupado. Sem dúvida um processo eficiente e limpo para diversas pessoas o consumirem ao mesmo tempo. Alguns não se utilizam desse meio e simplesmente bebem o mel.

É difícil saber-se a quantidade média consumida em um ano, mas a maior parte é no próprio local onde foi encontrado. Já presenciei um menino beber meio litro de mel de uma assentada. Os homens, por sua vez, gostam de bebê-lo até se fartarem.

Freqüentemente comem pedaços da colmeia ainda com larvas, pupas e pólen. São apreciados como o mel e se assemelham à consistência e gosto de um biscoito.

Ao retirarem o mel, deixam sempre um pouco para *Bep-kôrôrôti*, o poderoso herói mítico que foi levado

para o céu num relâmpago. Ele mora nas nuvens e pode ser confundido com elas. Manda relâmpago, trovão e chuvas. Quem não dividir o mel com ele e seu companheiro Kayapó está sujeito à cólera de *Bep-kôrôrôti* e ser ainda atacado por um raio.

Mel, cera e abelhas estão associados aos deuses e à chuva, devido à atração do herói mítico pelo mel. A cera é queimada para produzir uma fumaça que acreditam atrair nuvens carregadas de chuva. Tem ainda a faculdade de evitar o mal, purificar as casas dos mortos e proteger as crianças contra a bruxaria.

A cera se emprega na confecção de vários utensílios. Não pude comprovar se tem papel cerimonial na produção de objetos ou se serve simplesmente para finalidades funcionais.

Penas e pontas de flechas são seguras com a cera, que também se usa para fortalecer e lubrificar as cordas dos arcos. Empregam a cera preta no escurecimento dos cordões de algodão utilizados na confecção de muitos tecidos e artefatos de osso.

O mais importante objeto de cera é o *mê-kutôm*, chapéu usado pelos jovens na cerimônia de nomeação. A cera empregada é herdada e guardada em forma de bola num buraco

no chão da maloca da família. Ao se avizinhar a cerimônia, um parente do menino retira a bola e lhe dá a forma de *mê-kutôm*, que é altamente simbólico.

A frente do *mê-kutôm* é chamada "pólo do céu da manhã" (*kaikwa kratx*); a parte traseira representa o "pólo do céu da noite" (*kaikwa ñôt*). Esses pólos representam o início e o fim do caminho do sol. As duas "pernas" (*pa*) equivalem os pontos cardinais norte e sul.

Existem sinais nessas (*pa*) representando as relações geométricas idealizadas entre a aldeia e o campo. A aldeia é o *ñipók* ou círculo do centro. O círculo também representa o Sol. O movimento pintado dos pólos indica a rota do Sol e da Lua através do céu (*kaikawa*) e sobre a terra (*pyka*).

Visto de lado, o *mê-kutôm* representa outro plano e a relação entre Sol e Terra. O chapéu é côncavo com pequenos pés. O círculo (*ñipók*) visto de cima apresenta-se convexo. Nele se insere uma vareta e na ponta é feito um arco de bambu e algodão. Penas azuis e vermelhas de arara são colocadas no bambu para formar um arco de penas, que representa o céu (*kaikwa*). Os Kayapó acreditam que já viveram acima do céu e desceram à Terra por uma corda de algodão jogada pelo buraco de um tatu. A vareta representa a corda que trouxe o Kayapó.

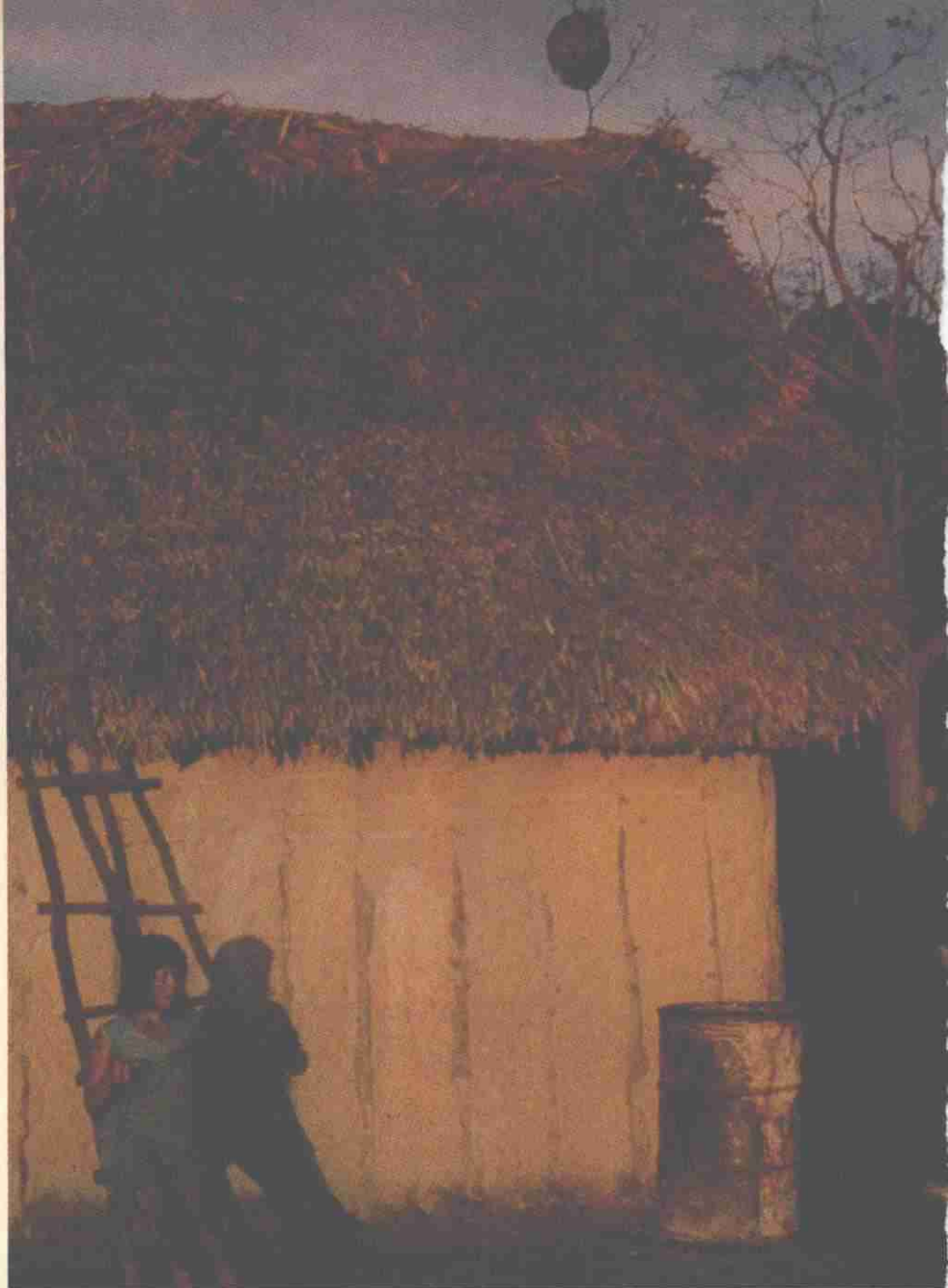
Os índios crêem que a cera usada para o *mê-kutôm* é a mesma trazida do céu por um velho Kayapó. Esse é um importante elo com as origens da sua cultura. É a continuidade material que eles guardam hoje com seus ancestrais.

RESUMO

As abelhas são importantes para os Kayapó como fonte de mel e cera. Eles têm espécies de abelhas semidomesticadas e mantêm algumas colônias na aldeia ou perto dela. As abelhas estão associadas à colheita, crescimento e maturidade e são induzidas pelos Kayapó a se aninharem em campos. A cera é usada numa variedade de artefatos e simbolicamente se relaciona com os raios, trovões e as chuvas. O *mê-kutôm* — um chapéu de cera — representa a visão do mundo Kayapó. É a única substância que acreditam ter vindo do céu e passa, por herança, para recriar visível de tempo, o espaço e o mundo.

NOTA

Esta pesquisa foi possível graças à Wenner-Gren Foundation for An-



Recursos modernos estão sendo agora usados pelos Kaiapó na coleta e preparo do mel.

thropological Research. Desejo agradecer à administração da Fundação Nacional do Índio, INPA, CNPq e ao Museu Paraense Emílio Goeldi pela cooperação e assistência. Particular-

mente pelo auxílio de Kwyrà-Ká e Irã Kayapó e, também, ao apoio de Lauro Menescal, chefe do Posto Gorotire. Sem essas pessoas o projeto teria sido impossível. ■

BIBLIOGRAFIA

Bamburger, Joan

1967 *Environment and Cultural Classification: A Study of the Northern Kayapó*. Unpublished Ph.D. dissertation. Department of Anthropology, Harvard University.

Posey, Darrell A.

1978 *Ethnoentomological Survey of Amerind Groups in Lowland Latin America*. *The Florida Entomologist* 61(4): 225-229.

1979 a) *Kayapó Controla Inseto com*

uso Adequado do Ambiente. *Revista de Atualidade Indígena* 3(14):47-58. 1979 b) *Pyka-tô-ti: Kayapó Mostra Aldeia de Origem*. *Revista de Atualidade Indígena* 3(15):50-57.

Turner, Terence

1965 *Social Structure and Political Organization Among the Northern Kayapó*. Unpublished Ph. D. Dissertation. Department of Social Relation, Harvard University.